

CAPSULA



 projetocapsula

 acapsula.tumblr.com



Clara Sampaio e Gabriel Menotti

CAPSULA

Curso Extensivo em Arte Contemporânea

Vitória

Março a julho de 2017





FERNANDA LOPES
DANIEL LIMA
GRAZIELA KUNSGH

CAPSULA

RAFAEL PAGATINI

FRANZ MANATA

LUCAS BAMBOZZI

FERNANDO VELÁZQUEZ

JULIANA GONTIJO

Como interpretações
erros
conflitos?

a partir da
perspectiva da
arte, *lugar de
onde
falamos*

ou seja,
da visibilidade
da
erros
questões?

Como incorporar
erros discursos
ao
trabalho
de
arte?

Partindo do
princípio de que
somos
artistas, ~~ou~~
~~personas~~

Para pensar nisso qual a relação entre
memória e esquecimento?

- Será que lembrarmos pelo medo de
esquecer, ou esquecemos para
lembrar?

ou a
uma
facilidade
sobre a
memória?

- Qual a experiência de vocês?

- Como representar algo que está ausente?

- Qual a relação entre memória e imaginação?

- Esquecimento = aquilo que não foi impresso, que não criou marcas.

a lembrança está vinculada a criação
marcas

9:00

VISITA AO ARQUIVO

10:00

11:00

- só guarda os arquivos do p

12:00

↳ os outros poderes têm

13:00

↳ os arquivos n incluem

14:00

AS CARTAS DE ALFORRIA N E

15:00

DADAS PELO JUDICIÁRIO, MAS

16:00

↳ por isso ^{muitas} destas cart

17:00

estão c/ os cartórios, e

18:00

os obriga a nada

19:00

METODOLOGIA DE PESQUISA
transcrição paleográfica

Público

oder executivo

os novos

os cartórios

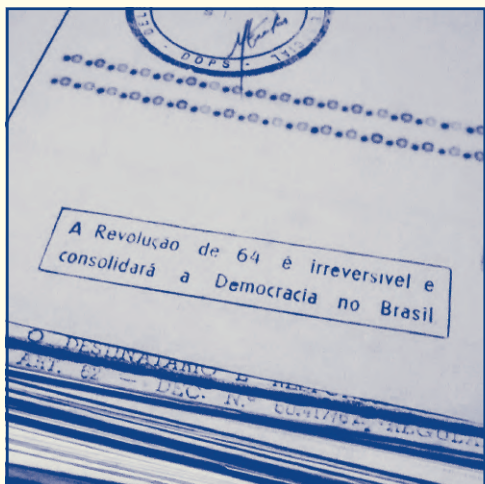
RAM | J
nos

tas ainda

, nada

SA







AREA RADIA

ACCESS
VEHICLE



ATEK

DEUS

GLOCAL

SUPREMACIA

SOC XIII

REVOLUÇÃO

ORGANIZ. MONETÁRIA INTERNACIONAL

DO

CAPITALISMO

COLACIONAR ANTE

CULTURA - BOM VÍDEO

MUSKUS

HOJE NÃO
EXISTE
MAIS
NEMEM
DO
CULTURA

ENIGMA
1779

INTERVENÇÃO
↓
CAPITALISMO
↓
ALTERNATIVA

LOUROS
↓
JO CUBINOS
PRINCEPS, CANTO
OS PRINCEPS DO
LUA PRINCEPS...

II
N. MITE PRIN
↓
CAPITALISMO
DO UM PAÍS

O CINISMO
HOJE
↓
ABSOLUTO

ANJO
CANTO
CAPITAL PRINCEPS

POK LOW COLACIONAR ANTE?

O CAPITALISMO NÃO TEM NO INTERIOR
AGENTES ANTES DE INTERVENÇÃO
O QUE É A CULTURA DO LÚDICO

COMO UM CURIOSO EM FÍSICA [MATEMÁTICA]
OU A MATEMÁTICA

A ÚNICA COMBUSTÃO DO DISPOSITIVO EM (BASTA)

DO BASTA

SINTESE

ECONOMIA POLÍTICA
DA ALTA

1. CHAMADO HAPENING

o MOMENTO DO CONCEITO DE ARTES E DO SEU MANEJO
BLITE DE ARQUITETURA E SUAS QUALIDADES

COMPRIAS — ANXIEDADE



ESTÁ FALANDO O BASTA
E NOS REPRESENTAMOS 1150



COMPRAR
A
CONSCIÊNCIA
DOS
SUJEITOS

INSTRUMENTO DE
FOMENTO
PARTICIPATIVO

MAS
COM O
MUNDO HISTÓRICO

CUDA
LUTUOSA



$$D = \frac{m}{v}$$

DEBILITADO PATRIMONIALISTA
NÃO PRODUZ
TRANSFORMAÇÃO



ARQUITETURA PRÁTICA — MODERNISMO
ARQUITETURA VISCERAL — CONTEMPORANEIDADE

SER ARQUITETA —
BASTA DE SER



ENFIM
NINATA

EXIST

ARTE COMO
CADA

IA CLARAR



DE SUPLENÇÃO
DE OBJETOS

TEXTO

ARTE
COMO
PROJETO

PLIC-PROC
PROGRAMADO

OCTOBER
— VINTO

EXTRINSECAÇÃO

AÇÃO

UMA NOÇÃO



NAS DAQ

COLETIVA
GRUPO



ECONOMIA
DA
EXPERIÊNCIA

EXPERIÊNCIA DE NOTAR

COMO SE MANEJA
UMA TROCA

EXPERIÊNCIA
DE
EVENTO

EXPERIÊNCIA
CURATORIAL

LIMITES
ESTABELECIDOS

- A ÚNICA COMMODITIE
NÃO REGULAMENTADA
- Ñ EXISTEM REGISTROS
P/ CIRCULAÇÃO
E PREÇO

→ GANHOS DE ARBITRAGEM

→ LAVANDEIRA DE \$\$\$

DÍVIDA $\Rightarrow$ COMMODITIE

PREÇO = VALOR

ANTE Ñ TEM CRITÉRIO

(O QUE FAZ UM QUANTO

VALEN 1 MILHÃO?)

4 CONDIÇÕES P/ HAVER ARTE

14:00 - tudo g
+ belas d

15:00

16:00 - Calvin

17:00

18:00 - ao exha
surge d

19:00 com e

US\$

€

Poup.

impet

Janeiro

AUTOR

D	S	T	Q	Q	S	S	D
1	2	3	4	5	6	7	8

... é arte mas que ñ está entre as
artes é devido à Duchamp

... talkins (?) melhor biografia
de Duchamp

... polar a arte do "boto feio"
a pergunta "O que é arte?" e
la o mercado de arte

Anotações
de
qualquer

LEGITIMADOR

OBJETO, PÚBLICO, SISTEMA RECONHECE-
DOR

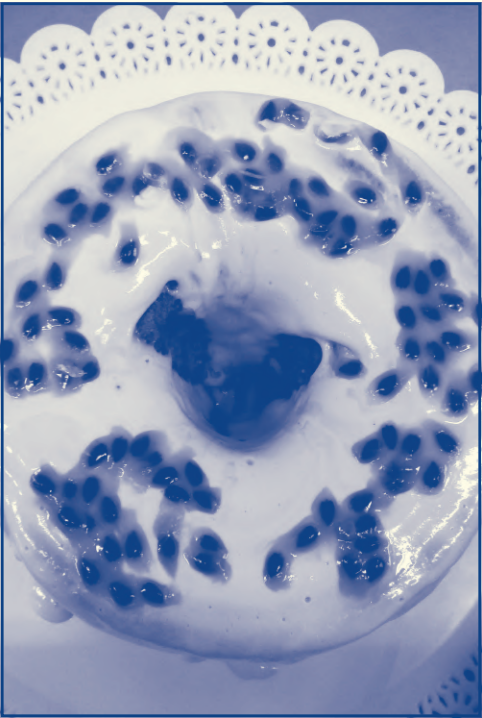
S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T
9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31

13/05
DIA #3 - FRANZ MANATA
NOME

13/05
DIA #3 - FRANZ MANATA
NOME

13/05
DIA #3 - FRANZ MANATA
NOME







Claude Monet, *Impression, Sunrise*, 1874
Oil on paper, 49.5 x 65.5 cm

GAGOSIAN GALLERY

HAUSER & WIRTH

David Zwirner

THE PACE GALLERY

MARIAN GOODMAN GALLERY

WHITE CUBE

GLADSTONE GALLERY

MATTHEW MARKS GALLERY

SONNABEND

GALERIE LELONG

LENHARD HAUPIN

PAULA COOPER GALLERY

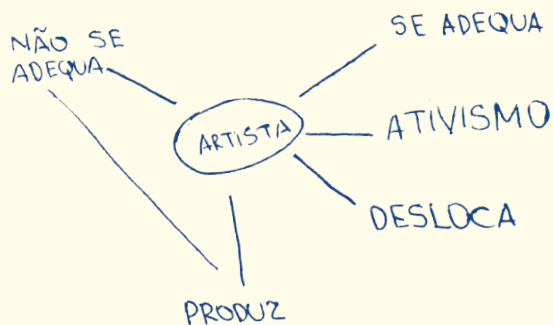
ROBERT MILLER GALLERY

Sean Kelly Gallery

TONY SHAFRAZI GALLERY



"No no o
que mais
tú é
falso fofo"



// muito do arte
contemporânea hoje
é encontrar o
funcionamento correto"

— BOMMEZZI

Kika

κ δειξάν
ο "βαρύνει" αφεύδων
mas "afundar" no mesmo sentido

Thayra

(falta de)
paciência

Kang Wiken
café com leite

Herbert

Savva

força

Platon
(Platão)

à se algar da
que n sei

não saber

desprezada

tempo de
aprendizado

paracera
folia

↓
brinquedo
↓
lebradura

Fiel.

exela → terton/aprender

malabares
↓
Albras Calafadilla
occupense (Buce
nagman)
(meiuto)
Balderran
(Jaw nagang
off)

ashie

skala

mede morahi -
Zetcan (parcial)

↓

↓
preço

↓
infantil (magas)

Debra

hava L'itendura
↓
manuais

↓
aprender
a saber a
fazer algo

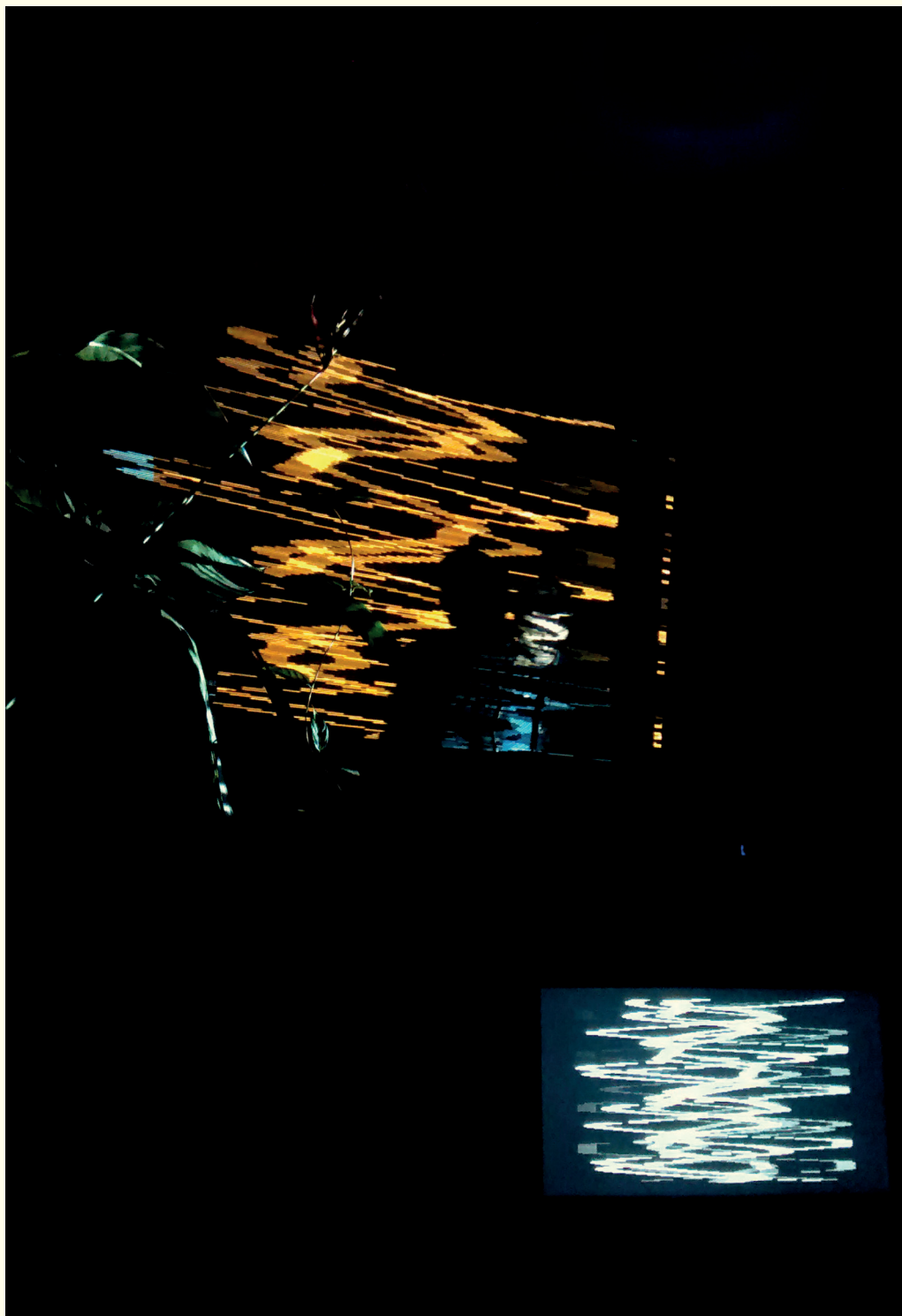
zanzana













/// Juliana Gontijo

/// Dissidências-resistências: espaços autônomos de arte contemporânea

Apresentacao_Capsula 1



Reproduzir



Tabela



Gráfico



Texto



Forma



Mídia



Comentário



Compartilhar



Dicas



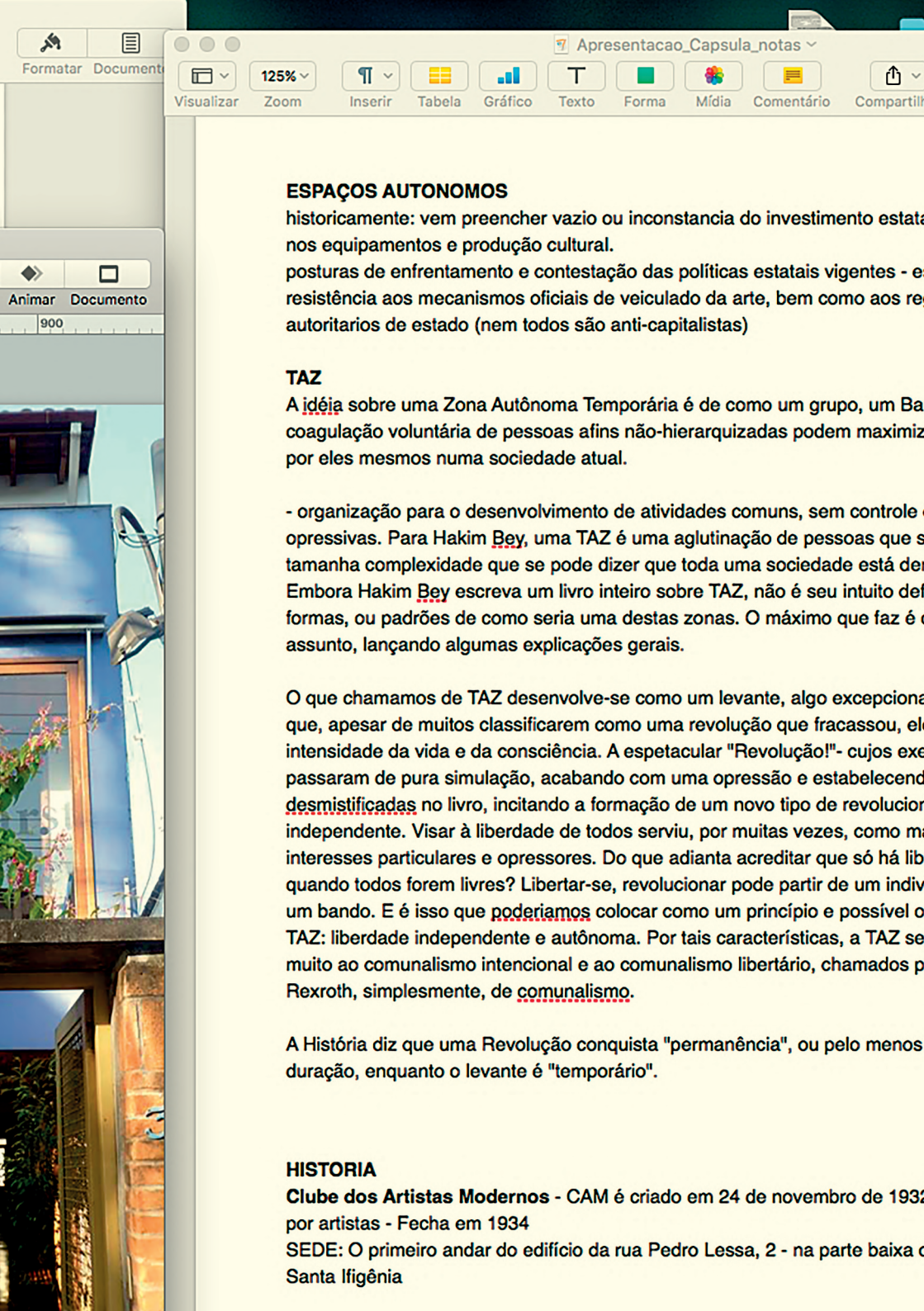
Formatar

CASA TOMADA

Espaço independente reservado para práticas, investigações e reflexões de caráter artístico, baseado na cidade de São Paulo.

Rua Brás Cubas, 335 - Aclimação - São Paulo
info@casatomada.com.br
<http://casatomada.com.br>





ESPAÇOS AUTONOMOS

historicamente: vem preencher vazio ou inconstância do investimento estatal nos equipamentos e produção cultural.

posturas de enfrentamento e contestação das políticas estatais vigentes - e resistência aos mecanismos oficiais de veiculado da arte, bem como aos regimes autoritários de estado (nem todos são anti-capitalistas)

TAZ

A idéia sobre uma Zona Autônoma Temporária é de como um grupo, um Bando de coagulação voluntária de pessoas afins não-hierarquizadas podem maximizar por eles mesmos numa sociedade atual.

- organização para o desenvolvimento de atividades comuns, sem controle estatal ou opressivas. Para Hakim Bey, uma TAZ é uma aglutinação de pessoas que suportam tamanha complexidade que se pode dizer que toda uma sociedade está dentro dela. Embora Hakim Bey escreva um livro inteiro sobre TAZ, não é seu intuito definir formas, ou padrões de como seria uma destas zonas. O máximo que faz é discutir o assunto, lançando algumas explicações gerais.

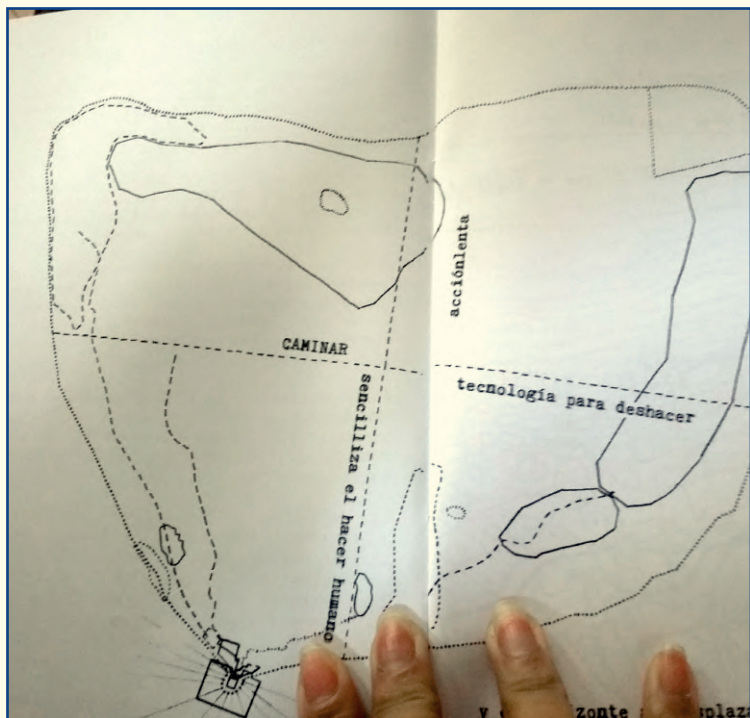
O que chamamos de TAZ desenvolve-se como um levante, algo excepcionalmente intenso, que, apesar de muitos classificarem como uma revolução que fracassou, ele representa a intensidade da vida e da consciência. A espetacular "Revolução!" - cujos excessos passaram de pura simulação, acabando com uma opressão e estabelecendo desmistificações no livro, incitando a formação de um novo tipo de revolução independente. Visar à liberdade de todos serviu, por muitas vezes, como máscara para interesses particulares e opressores. Do que adianta acreditar que só há liberdade quando todos forem livres? Libertar-se, revolucionar pode partir de um indivíduo, não de um bando. E é isso que poderíamos colocar como um princípio e possível objetivo da TAZ: liberdade independente e autônoma. Por tais características, a TAZ se aproxima muito ao comunalismo intencional e ao comunalismo libertário, chamados por Rexroth, simplesmente, de comunalismo.

A História diz que uma Revolução conquista "permanência", ou pelo menos duração, enquanto o levante é "temporário".

HISTORIA

Clube dos Artistas Modernos - CAM é criado em 24 de novembro de 1932 por artistas - Fecha em 1934

SEDE: O primeiro andar do edifício da rua Pedro Lessa, 2 - na parte baixa da Santa Ifigênia



Rubens Mano - Vazadores

↳ 25ª Bienal de SP

Hakin Bey - TAZ (zona autônoma temporária)

institucionalização < autonomia
autônomo = híbrido

codependência

↳ espaço ◀

TRANSVERSALIDADE

→ parceria com colecionadores para "funcionamento" do espaço

1932 - 1º espaço autônomo - CAM (Clube dos Artistas Modernos)

SPAM (Sociedade Pró-Artistas Modernos)

↳ veio antes do CAM, porém elitista

1966 - Rex Gallery & Sons

1979 - Espaço NO.

espaços autônomos
de arte contemporânea

↳ Kamilla Nunes

• lugar a dudas - colômbia

• relaciones inesperadas - México

• casa do povo - São Paulo

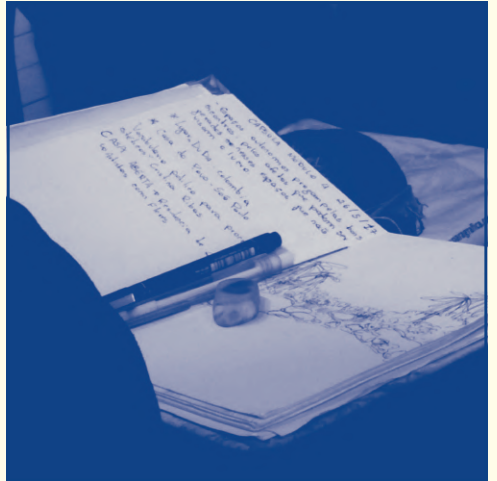
• atelier sanitário - Rio de Janeiro

• zona imaginária - Buenos Aires

vocabulário político
para processos
estéticos

↳ Cristina Ribas





אונדזער

שטימע

우리

목소리

Nuestra

Voz

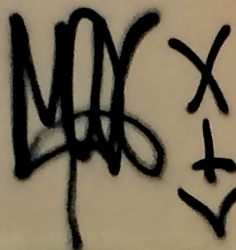
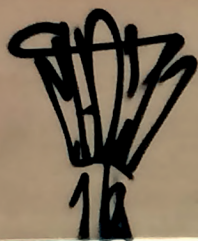




Rua Treze de Maio
Nº 78

DEFEITO MUITO
FICOU POUCO

LOJAS



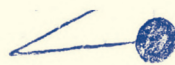
O QUE QUE EU
TAL LIBERDADE

LA
EM
AZ

~~elvis~~

D.F

you fazer com essa
te? sartrre



MÓDULO 5 - Fernanda Lopes

Laboratório de texto

- Deve-se antes pensar sobre o trabalho, depois o teórico
- ↳ cada trabalho norteia para uma linha de pesquisa

TEXTO 1

↳ Moderna para sempre

- Pensar o contexto do texto (direcionamento)

↳ serve para todos os textos

- Por que falar dessa exposição?

Que mostra é essa?

Quem é o leitor?

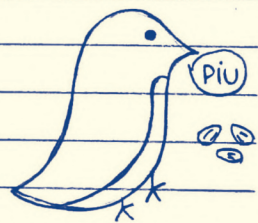
> 1º PARÁGRAFO

- trocar o "é" por "era" e contextualizar o período

> ÚLTIMO PARÁGRAFO

- pensar como o texto termina / final abrupto

> Repensar estrutura





08:42

100%

Notes

o que ta na apresentacao deve se repetir por todo o projeto

TEXTOS

ha niveis de dificuldade. a coletiva eh mais facil, pq normalmente tem varios artistas entao nao tem mto drama sobre o que abordar.

UMA BOA DICA

leiam em voz alta quando vcs terminarem. qdo vcs acharem q terminaram



No intervalo entre a chegada e a despedida

Por razões difíceis de cartografar, o coração anda muito desamparado, alagou-se. Dentro desse habitat, mas sem os hábitos, surgem os detalhes que em outra situação passariam despercebidos, detalhes que de tão íntimos eram invisíveis. Sem o estranhamento, quiçá sequer viriam à luz. Difícil saber o que fazer com isso. É muito descaso, descasco... “des-casa”, no caso.

Será apenas uma questão de tempo, de consenso que as coisas são simplesmente assim, atabalhoadamente mais velozes que nós, e podermos voltar a experimentar a magia – esquecimento? – de sentir que, apesar de ter o destino todo por fazer, torto e improvável, tudo deveria ser exatamente como é, que estamos no lugar certo, como o foi naquela tarde inesquecível de botos e passeio pelas “cidades invisíveis” equatoriais? Você apareceu em um momento em que essa crença não aparece no horizonte.

Ao mesmo tempo, é esquisito isto de procurar uma “humanidade” nessa frieza do solo vazio. A questão é: tudo isto é humano, demasiadamente humano, como disse aquele Nietzsche. Não há máquinas ou artifícios, mas antes nós, homens (ainda que muitas vezes tão inanimados como geladeira). Enfim, divido lampejos do meu emaranhado doméstico, que há dias me labirinta. E como a roda da vida mais nos atropela do que nos acompanha, eu sigo tratando de saber onde moro, sem mesmo entender o que é morada.

Sobre o vazio - Alberto Bitar

<http://kamarakogaleria.com.br/?p=3472>

Paisagem da espera - Janaina Miranda

<http://janainamiranda.com/Paisagem-da-espera>

Sara Pinheiro - De Lés a Lés

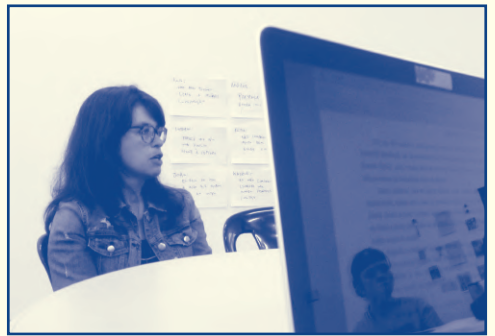
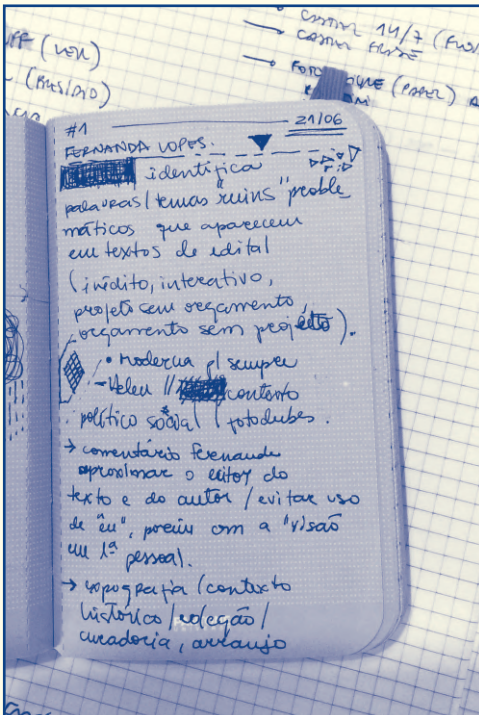
<http://www.sarapinheiro.com/en/de-les-a-les/>

Daniel Beerstecher - 50°60'59,50"N / 8°40'35,30"O

http://danielbeerstecher.com/english/video_sites/Hilton.html

Fredone Fone - MARGEM





A exposição “Sombra Projetada”, de Dionísio Del Santo, representa para mim um importante reencontro com alguém responsável por “sacolejar” minha cabeça há algum tempo, quando visitei uma exposição retrospectiva do artista no Maes. Por isso, é praticamente inevitável não ser transportado de volta para o passado. Talvez eu possa, de fato, falar a respeito de “Sombra Projetada” daqui a algum tempo, mas não agora.

A exposição, que visitei em 2008, chamava-se “Dionísio Del Santo: Um concretista marginal ou injustamente esquecido?”. Naquele ano, eu quase não havia ido a exposições, galerias ou museus e não conhecia muito sobre Dionísio. Era também uma grande novidade ver arte nesses espaços expositivos, com uma iluminação específica, controle de temperatura do ambiente e segurança privada. Também era impossível não ser atraído pelas palavras “marginal”, “injustamente” e “esquecido”.

Eu já fazia graffiti há alguns anos e estava buscando, mesmo dentro das minhas limitações, novos ares, outras motivações para então encontrar novos rumos para aquilo que eu havia descoberto em meados dos anos 1990. Os primeiros contatos com a arte foram por meio dos vídeos de skate, depois, na rua, pintando ilegalmente, onde tudo estava bem distante do ambiente que encontrei no Maes.

Até então, minha aproximação com a pintura e a maneira como a entendia e a respeitava se davam exclusivamente pelo graffiti, que eu observava enquanto estava no ônibus indo do bairro para a “cidade”, como costumávamos dizer quando precisávamos ir a Vitória – a sensação de distância era do tamanho de um grande um abismo.

Quando via um graffiti novo, eu descia do ônibus. Interrompia a viagem para ver aquela pintura bem de perto, tocá-la e tentar descobrir como havia sido feita. Depois disso, se tivesse que tomar um outro ônibus, pagava outra passagem e seguia a viagem.

Naquela retrospectiva, pude ver – não tão de perto – cerca de 60 trabalhos produzidos por Dionísio, em diferentes técnicas, suportes, tamanhos e épocas. Até aquele momento, meu conhecimento estava limitado a fotografias e textos que havia encontrado pela internet. Depois daquela visita, voltei pra casa, encorajado a fazer mudanças no meu trabalho, e comecei a aplicar boa parte dessas mudanças na rua. Eu estava fazendo o exercício de tentar ligar pontos que estavam, de algum modo, tão distantes quanto próximos uns dos outros.

É impossível comparar, mas era novamente uma pitada daquela com a sensação que eu tinha sempre que via um novo graffiti durante o percurso até a “cidade”. Como se estivesse dando passos para trás, acessando minhas memórias, para depois dar um grande impulso, um salto capaz de me projetar para, no mínimo, três vezes à frente de onde eu estava quando cheguei àquela exposição.

Em “Sombra Projetada”, estou novamente dando passos para trás. É hora de passar um tempo acessando memórias, misturando poeira e cheiro de tinta spray ao frio do ar-condicionado, vigiado pelas câmeras institucionais.

Dionísio partiu cinco décadas depois de realizar seus primeiros desenhos, dez anos antes de ter “sacolejado” minha cabeça.





Questão racial
é mais
fundamental
que a
classe na
sociologia
brasileira

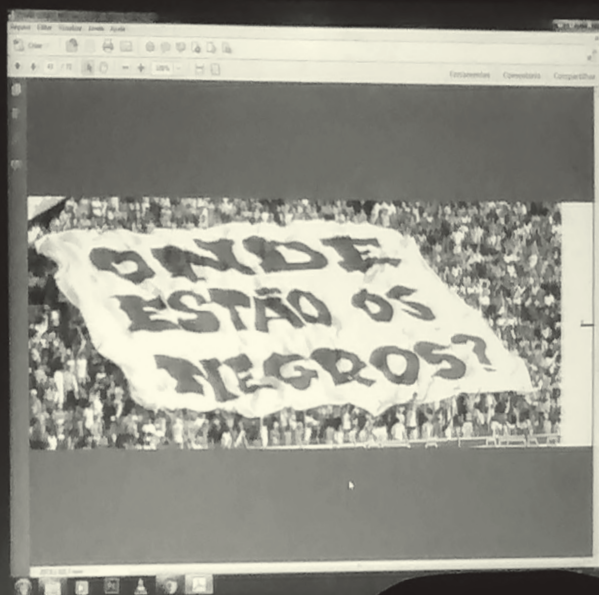
Denúncia
+
Anúncio
(vem pela
performance
poética)

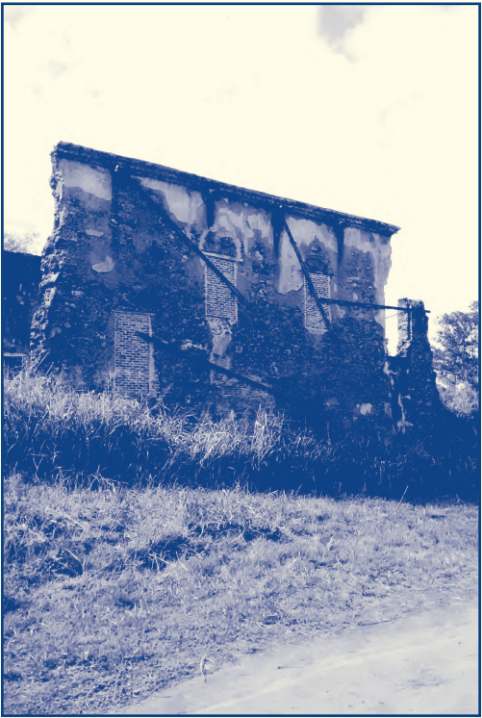
6. Nativismo¹⁰
nada da revolução (independência)
do Haiti liderado p/ escravos)

o VPP: modelo colombiano

ISSUU.COM/INVISIVELPRODUÇÕES
Frente 3 de Fevereiro.COM.BR

→ ARQUITETURA DA EXCLUSÃO











★ ★ ★
BRIGADAS
POPULARES

Pode falar um pouco sobre a sua história aqui?

A sua vivência aqui na ocupação?

Para mim está sendo muito bom isso aqui, porque eu fiquei muitos anos sem ter convívio com família, sem ter nada disso, porque eu fui moradora de rua, eu morei vários anos na rua sem ter ninguém, e por mim minha vida era eu e eu. Então, eu fiquei morando na rua durante 14 anos e eu saí de casa com 12 anos para fazer o uso de drogas, eu abandonei todos os meus filhos, eu abandonei tudo, e eu comecei a usar drogas. Eu fiquei grávida do Mateus e eu decidi mudar de vida, mudar a minha história. Eu falei, “gente, eu tenho que mudar, porque eu já abandonei dois filhos, o que é que eu vou fazer?”. Eu vou abandonar o terceiro, e já tem um ano e pouco que eu estou limpa, que eu me mantenho limpo, mas eu não tenho moradia, eu não tenho apoio de ninguém, nem apoio do governo e nem apoio de ninguém. A sociedade discrimina muito porque eu já tenho várias passagens pela polícia, então é difícil de arrumar um emprego. Entendeu? Então hoje para mim isso aqui, essas pessoas para mim são os meus familiares, porque se eu preciso de uma fralda eu posso bater ali no vizinho e falar “vizinho, pode arrumar uma fralda para mim?”, porque eu sei que eles vão dar um jeito, eles vão dar o possível para poder conseguir me ajudar. E eu recebo 253 reais de bolsa família, a minha renda é essa, eu ainda não posso trabalhar porque está difícil de arranjar um emprego, porque eu ainda não tenho experiência nenhuma com nada. Não tenho muita escolaridade, e várias passagens pela polícia. Então, eu ainda estou respondendo ao meu último processo, fica complicado. Não tem creche ainda para o bebê e fica um pouco complicado. Mas, com esse dinheiro, não tem condições de eu pagar um aluguel e de eu manter essas crianças. Entendeu? Porque ele veio morar comigo agora tem um mês e a minha filha de 10 anos também vai vir, então estamos todos nesse quarto, eu nesse cômodo e eu só com esse dinheiro para poder sustentar a família, entendeu? Ela é minha tia, e ela é de outra família também que é da parte da minha irmã, porque minha irmã também está aqui. A minha irmã era da [casa de repouso] Romão e tem os gastos dela, só de fralda geriátrica, as coisas que ela necessita, é muito gasto e a gente precisa de uma posição do governo, porque

agora parece que a gente vai ter que desocupar o prédio. E para onde a gente vai com essas crianças? Com pessoas deficientes, pessoas de idade que tem aqui, eu acho que o Poder Público tinha que olhar para a gente com um olhar especial. Porque os governadores e as pessoas que estão lá, eles têm a casa deles, tem a família deles, tem as coisas deles, mas não estão olhando para a gente, que somos a sociedade, que somos o povo. A gente está aqui e não somos desocupados que não tem o que fazer não, a gente está em busca de algo para um futuro melhor, para as nossas crianças para a gente também. Então, estamos buscando dignidade, buscando moradia, buscando um futuro para a gente, porque é muito complicado você ter que escolher entre pagar um aluguel e comprar uma fralda para o filho. Pagar um aluguel e pagar um leite, ou eu compro um leite ou compro uma mamadeira e misturo com água para poder inteirar porque eu não tenho. Eu nunca entrei em uma loja para comprar uma roupa para os meus filhos, nunca entrei, porque eu não tenho condições, esse dinheiro para comprar, eu tenho que manobrar tudo, fraldas, leite, manobrar tudo. E é uma situação muito complicada, eu queria muito que o poder público olhasse para a gente, porque na minha cabeça eu só passa um ponto de interrogação, do que vai ser da gente. Tirar a gente daqui, para onde que vai botar a gente? O que é que eles vão fazer com a gente? É muito difícil e é muito complicado, a gente não dorme hoje, a gente cochila com a incerteza. A certeza que a gente sabe que vai sair daqui e a incerteza de para onde nós vamos. Se eu for para a rua com os meus filhos, o conselho tutelar vai tomar eles de mim. E o risco que eu corro na rua é muito grande, então, eu só queria que o Poder Público olhasse para a gente com um olhar especial e que ele visse que aqui tem pessoas de bem, que tem famílias que estão buscando algo que o Poder Público poderia nos ajudar. A gente não está brigando por algo que não é nosso, é nosso por direito. A gente cidadão, acima de tudo a gente é cidadão, a gente tem direito.

CAPSULA PROJECT - GRAZIELA KUNISCH

06/Julho

Zaf

Formas de educação - espaço da sala de aula

volta ao caderno

desenhe numeração

escreva a página seguinte

MEDIA-ERGON-LES JAOSTAS

VOCÊ SAÍ DIFERENTE DE QUANDO ENTROU?

CILDO => ANESTESIA + ANESTESIA => OPORÇÃO => ANESTESIA

EXISTENTE (GARAFADA DE COCA-COCA)

INSERÇÃO (CONSCIÊNCIA) *ver livro do Cildo - Ed. Zouk

RESPONDER AS PERGUNTAS COM NOVAS PERGUNTAS?

NA ? ? ? A 7 O 3 A ESCOLA ? ? ?

ESPAÇO - DORRÊ + SOBREVIVÊNCIA DO BARRITO MENA

insere na Holanda com um educativo

atua com as DÚVIDAS ao

inves, das RESPOSTAS

~~Beleza~~ cidade da Colômbia que está passando por um processo de gentrificação

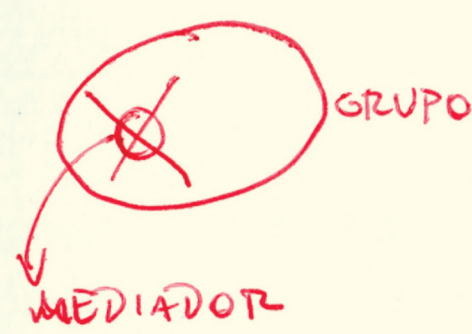
filme OPRESTES, de Rodrigo Siqueira (psicodrama)

TRANSDUZTORES
do de arte-edu-
cadores)

DIÁLOGO CRÍTICA

Itiplicação de poeticidade
X
entendimento da obra de arte

COLOCAR UM GRUPO PARA
DEBATER (ENTRE OS
MEMBROS)



o grupo precisa de um mediador para que seja ativado uma discussão? Como não tornar o mediador o "centro das atenções"? O mediador é dispensável?

→ DESNECESSÁRIO

EDUCADOR
MEDIADOR
CO-PENSOAR
fazer o trabalho é refletir o trabalho
ao mesmo tempo



Quinta Dia 02 **16**
 Thursday / Jueves (06.7.17)

Março
 March / Marzo
 290 / 2018

7:00 - Coleção "Encontros" da Aggrue Ed. → volume Cildo Meireles

8:00 Capsula

9:00 DUPLA DE EDUCADORES → TRANSDUCTORES

10:00

11:00 DIA 3

12:00

13:00 GRUPO FB "Mediação e FxX institucional"

14:00 - PERIÓDICO PERMANENTE (REVISTA ONLINE DO FÓRUM PERMANENTE)

15:00 ↳ recomenda n.º 6: Diogo ^{de} Moraes & Cayo Honorato. Sobre medições

16:00

17:00 - MASP: audição feita por crianças
 ↳ formação dos professores p/ que des
 rijam os mediadores

18:00

19:00 ↳ Considera falar com os funcionários da instituição sobre o trabalho, como parte do trabalho
 ↳ ~~da instituição~~ dos funcionários, para ser considerada parte do trabalho deles.

Março

Q	Q	S	S		D	S	T	Q	Q	S	S		D	S	T	Q	Q	S	S		D	S	T	Q	Q	S	S		D	S	T	Q	Q	S	S
1	2	3	4		5	6	7	8	9	10	11		12	13	14	15	16	17	18		19	20	21	22	23	24	25		26	27	28	29	30	31	

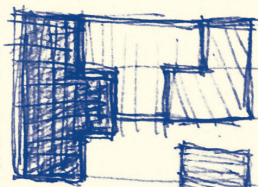
→ "VOLTA AO CADERNO"

- CADERNO CULTIVADO DESDE O 1º DIA
- ATIVIDADE: VER DE NOVO,
INSEIRIR UM REGISTRO
- LER (quem quiser)

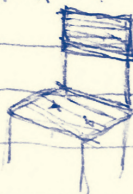
ANESTESIA (x consciência)
→ • x INSEÇÃO EM CIRCUITO (CILDO)

⇒ ACÚMULO COLETIVO

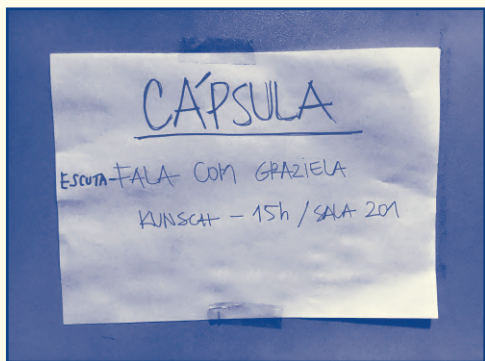
Diagramas de cadeiras



Há escolas que
dão asas e há
escolas que são
prisões













NOVAS FORMAS
DENTRO DAS
FORMAS EXISTENTES





GIDA RAMALDES

ANA DE SENA

THAYNÁ TARGA

JOÃO VICTOR GOSER

ELTON PINHEIRO

RICK RODRIGUES

CAPSULA

KIKA GARVALHO

JUAN GONGALVES

FREDONE FONE

JOANA QUIROGA

DEBORAH MOREIRA

KAIQUE GOSME

GASTIEL VITORINO

2016	
Quant. Militar	9.382
	\$ 1.119.145.525,16

R\$ 819	ESCALA EXTRA APLICADA A 100% DOS MILITARES*
R\$ 71,84	
R\$ 126,53	
R\$ 9,718	

LA EXTRA APLICADA
A LOS MILITARES

0 2010 A 2016

FINAL

6,12	R\$ 7.108,48
5,78	R\$ 18.197,24

Descomposiç o salarial nos últimos 7 anos:

% a 59,22%

es, Bárbara Becall
Proscholdt, Felipe
Cardoso, Kelly Kalle
artha Dias Simony

INICIAL	FINAL
R\$ 5.070,43	R\$ 6.691,63
R\$ 4.595,08	R\$ 6.064,78
R\$ 4.119,73	R\$ 5.435,63
R\$ 3.644,38	R\$ 4.806,78
R\$ 3.168,93	R\$ 4.177,93
R\$ 2.693,48	R\$ 3.549,08
R\$ 2.218,03	R\$ 2.920,23
R\$ 1.742,58	R\$ 2.291,38
R\$ 1.267,13	R\$ 1.662,53
R\$ 791,68	R\$ 1.033,68
R\$ 316,23	R\$ 404,83

	INICIAL	FINAL
1906,70	R\$ 1906,70	R\$ 1906,70
3.983,99	R\$ 3.983,99	R\$ 13.778,85

Juste e recomposição salarial
práticas nos últimos 7 anos:

38,85%/

Secretaria de Estado do Gestão e Recursos

	INICIAL	FINAL
6,12	R\$ 7.008,48	
5,78	R\$ 18.197,24	

Recomposição salarial
nos últimos 7 anos:

% a 59,22%

es, Bárbara Boccall
Proscholdt, Felipe
Cardoso, Kelly Kalile
rtha Dias Simpony

o que você procura

não está aqui.

007,80

R\$ 9.00

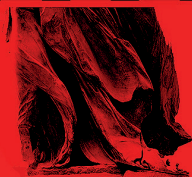






marginal

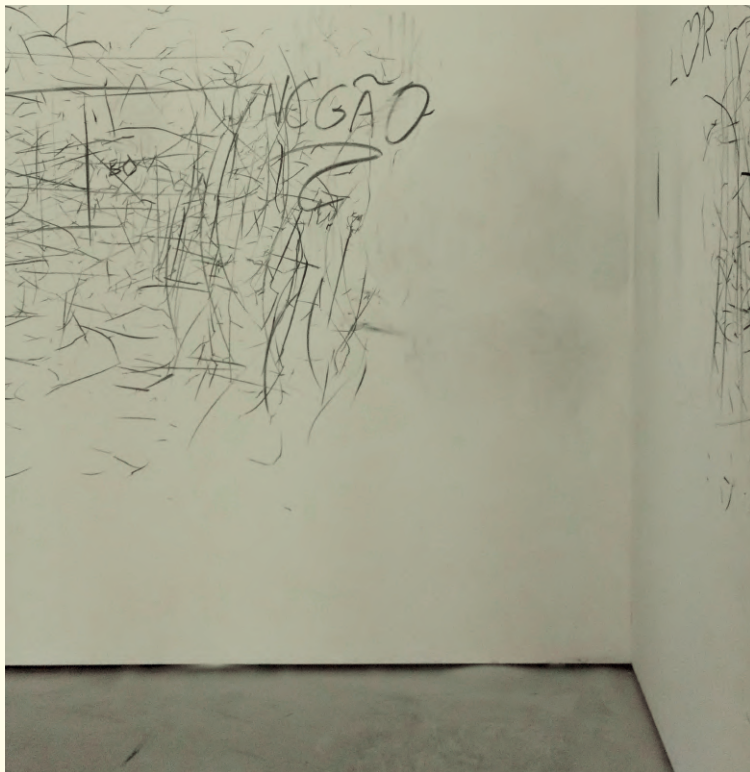
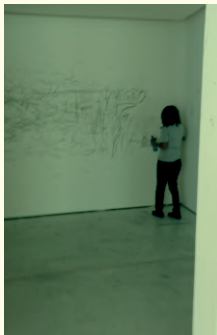
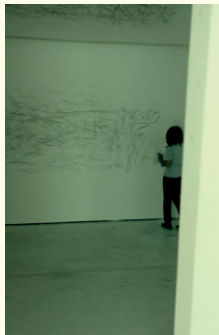




NEGÃO

Petro
Bicho

AI POSTO
É
ROUBO







PELE DE PAPEL

EU ADORAVA AS PALAVRAS, até elas me traírem. Desde então, nossa relação nunca mais foi a mesma. Vivemos em mútua desconfiança. Medo. Insegurança. Somos amantes à espera do término. Mas também há vontade de estar perto, junto. Desejo de reconciliação. Não há mais rancor entre nós. Pelo menos não da minha parte. Compreendi que sou palavra. Palavras constituem meu corpo. Eu sou corpo-em-escrita. Escrita feita com caneta. Nada em mim se apaga. Tudo em mim são escritas mais ou menos cicatrizadas, na espera de serem rabiscadas, riscadas, rasuradas. Eu sou rascunho. Sou garrancho. Minha pele é um papel feito de fibras de memórias. O que aconteceria se ela deixasse de encapar meu corpo? Pergunto-me se as palavras escritas em mim, por mim e pelo outro, estão também gravadas em minha carne, circulam em meu sangue, habitam meus ossos. Ou desapareceriam junto com minha pele de papel, ao ser rasgada e jogada fora.

torreta (ê). [De torre + -eta.] S. f. Bras. Mar. G. Compartimento estanque que se ergue acima do casco fusiforme do submarino, e no qual se instalam os seus órgãos de comando, os periscópios, os radares, etc.

▲torri-. Equiv. de *torre-*.

tórrido. [Do lat. *torridu*.] Adj. Muito quente; ardente: "Pés queimados pelas tórridas areias saarianas" (Cruz e Sousa, *Obras Completas*, II, p. 300); "vem-me também à memória uma tarde de tórrido verão, por volta de 1931" (Herman Lima, *Poeira do Tempo*, p. 65). — V. zona — a.

torrificar. [De *torri-* + -ficar.] V. t. d. 1. Tornar tórrido. 2. Tostar, torrar. 3. Fazer torrar. [Sin. ger.: torrefazer. Conjug.: v. trancar.]

torrija. [Do esp. *torrija*.] S. f. Torrada amebida em vinho e coberta com ovos e açúcar.

torrinha. [Dim. de *torre*.] S. f. Coeira da última ordem, nos teatros; camarote do toco, galinheiro, poleiro: "Palmas e ululos ressoavam nas torrinhas." (Ribeiro Couto, *Baianinha e Outras Mulheres*, p. 118.)

torrinheiro. S. m. Br. Indivíduo que, nos teatros, vai para a torrinha.

torrinhense. Adj. 2 g. 1. De, ou pertencente ou relativo a Torrinha (SP). 2 g. 2. Natural ou habitante de Torrinha.

torroada. [Var. de *torroada*.] S. f. Porção de torrões. 2. Pancada com torão. 3. Bras., Rio Terra alta cheia de bons seringais. 4. Bras., MA. Fenda nos terrenos ateados quando se tem.

torrões. [Pl. de *torrão*.] S. m. pl. Propriedades rústicas. V. *torrão*.

torso¹ (ô). [Do it. *torso*.] S. m. 1. Representação da figura humana truncada, sem cabeça e sem membros: *um torso hefenístico*. 2. V. *tronco*¹ (3): "surdiam ombros roliços a pele dourada do torso, os seios duros, desnudos." (Herman Lima, *Tijipiô*, p. 145); "uma estranha figura de mulher, vestida de algodão branco, com o torso pendido para trás, e o pescoço sopitada a custo" (Afonso Arinos, *O Sertão*, p. 118). 3. Busto de pessoa ou de estátua inteira. [Cf. *torço* (ô), do v. *torcer* (s. m.).]

torso² (ô). [Do lat. *torsu*.] Adj. Torto, sinuoso, tortuoso: "coluna larga, de colunas torsas" (Coelho Neto, *Trevo*, p. 87). [Cf. *torço* (ô), do v. *torcer* (s. m.).]

torta. [Do lat. *tardio torta*, 'pão redondo'.] S. f. 1. Espécie de pastelão doce ou salgado, rechado, com ou sem tampa de massa. 2. Bolo de camafes, rechado e em geral com cobertura. 3. Bagaço proveniente da prensa de milho amarelo, usado para a extração do óleo, e que se usa como adubo e forragem.

torteira. S. f. Fôrma ou prato para tortas.

torvelim. [Do *torço*.] Adj. e s. m. 2 g. V. *estrábico* (1 e 4).

verdade e à justiça, de negacear com para quem a pal Portuguesa das 1 **tortura**. [Do lat. violento infligido Grande mágoa. 4 **torturado**. Adj. 1 angustiado, atormentador (ô). A tortura. **torturante**. Adj. torturador. 2. Afli torturantes. **torturar**. V. t. d supliciar: A Sant criaturas. 2. Afli rava-o 3. Mole mente, em alto g lhe os pés; "Qu torturava." (E 4. Afliir-se, ang tóculo. [Do lat. saliência papilar. **toruloso** (ô). Adj. Diz-se dos órga **toruloso**; *filif torunguenga*. Br destemida e resp g. 2. Pessoa tor destra no manejo ou a gaita. [Var **torvação**. S. f. 1 Irritação, agastar mo. [Sin. ger.: **torvado**. [Part. d confuso. 2. Agast **torvamento**. S. A exibição púb cidade. Int. e p. se, agastar-se. 4. [Pres. ind.: torve torva (ô), torvas **torvelim**. [De **torvelinho**: "um de torturas" (C p. 22). **torvelinhante**. A **torvelinhar**. V. redemoinhar; ag ar!" (Manuel Bar d. 2. Agitar em t

3. "Em verdade, Lille estava no direito de um homem tortuoso nos desígnios, a vida valia pouco." (Aquilino Ribeiro, *Sete Partidas*, p. 196.)

tortura. *S. f.* 1. Suplício ou tormento infligido a alguém. 2. *V.* tortuosidade. 3. *Fig.* 4. Lance difícil.

Adj. 1. Submetido a tortura (1). 2. Aflito, atormentado. • *S. m.* 3. Indivíduo torturado. *Adj.* 1. Torturante. • *S. m.* 2. Aquele que

2 g. 1. Que tortura, que atormenta; atormentativo, angustiante, torturador: *sonhos*

1. Submeter a tortura; atormentar, atormentar. *A Inquisição torturou milhares de pessoas*; angustiar: *A incerteza torturava-o*; desconfortar, incomodar fisicamente: *Os sapatos novos torturavam-me*; deixou-se duma dor de cabeça que a atormentava. (Queirós, *Os Maias*, II, p. 382). *P.* atormentado, atormentador.

toruloso. *S. m.* Anat. Pequena protuberância. 1. Que tem tóculos. 2. *Morfol.* Veg. com filamentos alongados e moniliformes: *fruto toruloso*.

Adj. 2 g. 1. Diz-se de pessoa que se torve, que se torve. 2. *S. m.* 2. Torção. *V.* torção (1). 3. Pessoa que torve, que torve. 4. Torção. *V.* torção (1). 5. Pessoa que torve, que torve. 6. Torção. *V.* torção (1). 7. Pessoa que torve, que torve. 8. Torção. *V.* torção (1). 9. Pessoa que torve, que torve. 10. Torção. *V.* torção (1). 11. Pessoa que torve, que torve. 12. Torção. *V.* torção (1). 13. Pessoa que torve, que torve. 14. Torção. *V.* torção (1). 15. Pessoa que torve, que torve. 16. Torção. *V.* torção (1). 17. Pessoa que torve, que torve. 18. Torção. *V.* torção (1). 19. Pessoa que torve, que torve. 20. Torção. *V.* torção (1). 21. Pessoa que torve, que torve. 22. Torção. *V.* torção (1). 23. Pessoa que torve, que torve. 24. Torção. *V.* torção (1). 25. Pessoa que torve, que torve. 26. Torção. *V.* torção (1). 27. Pessoa que torve, que torve. 28. Torção. *V.* torção (1). 29. Pessoa que torve, que torve. 30. Torção. *V.* torção (1). 31. Pessoa que torve, que torve. 32. Torção. *V.* torção (1). 33. Pessoa que torve, que torve. 34. Torção. *V.* torção (1). 35. Pessoa que torve, que torve. 36. Torção. *V.* torção (1). 37. Pessoa que torve, que torve. 38. Torção. *V.* torção (1). 39. Pessoa que torve, que torve. 40. Torção. *V.* torção (1). 41. Pessoa que torve, que torve. 42. Torção. *V.* torção (1). 43. Pessoa que torve, que torve. 44. Torção. *V.* torção (1). 45. Pessoa que torve, que torve. 46. Torção. *V.* torção (1). 47. Pessoa que torve, que torve. 48. Torção. *V.* torção (1). 49. Pessoa que torve, que torve. 50. Torção. *V.* torção (1). 51. Pessoa que torve, que torve. 52. Torção. *V.* torção (1). 53. Pessoa que torve, que torve. 54. Torção. *V.* torção (1). 55. Pessoa que torve, que torve. 56. Torção. *V.* torção (1). 57. Pessoa que torve, que torve. 58. Torção. *V.* torção (1). 59. Pessoa que torve, que torve. 60. Torção. *V.* torção (1). 61. Pessoa que torve, que torve. 62. Torção. *V.* torção (1). 63. Pessoa que torve, que torve. 64. Torção. *V.* torção (1). 65. Pessoa que torve, que torve. 66. Torção. *V.* torção (1). 67. Pessoa que torve, que torve. 68. Torção. *V.* torção (1). 69. Pessoa que torve, que torve. 70. Torção. *V.* torção (1). 71. Pessoa que torve, que torve. 72. Torção. *V.* torção (1). 73. Pessoa que torve, que torve. 74. Torção. *V.* torção (1). 75. Pessoa que torve, que torve. 76. Torção. *V.* torção (1). 77. Pessoa que torve, que torve. 78. Torção. *V.* torção (1). 79. Pessoa que torve, que torve. 80. Torção. *V.* torção (1). 81. Pessoa que torve, que torve. 82. Torção. *V.* torção (1). 83. Pessoa que torve, que torve. 84. Torção. *V.* torção (1). 85. Pessoa que torve, que torve. 86. Torção. *V.* torção (1). 87. Pessoa que torve, que torve. 88. Torção. *V.* torção (1). 89. Pessoa que torve, que torve. 90. Torção. *V.* torção (1). 91. Pessoa que torve, que torve. 92. Torção. *V.* torção (1). 93. Pessoa que torve, que torve. 94. Torção. *V.* torção (1). 95. Pessoa que torve, que torve. 96. Torção. *V.* torção (1). 97. Pessoa que torve, que torve. 98. Torção. *V.* torção (1). 99. Pessoa que torve, que torve. 100. Torção. *V.* torção (1).

1. Ato ou efeito de torvar(-se). 2. *Fig.* 3. Torção, cólera. 3. Perturbação de ânimo: *torvelinho*. Cf. *torvação*.

Adj. 1. Perturbado, turbado, atormentado, irado, encolerizado.

Adv. 1. Torvação. [Cf. *torvelinho*.]

Adv. 1. Torvação. [Cf. *torvelinho*.]

1. Confundir-se, perturbar-se. 3. Irritar-se. 2. Torvar-se torvo, carrancudo, sombrio.

3. Torvas, torva, etc. Cf. *torvo* (ô), flex. (ô), e *torvar*.]

Adv. 1. Torvelinho, com apócope. *S. m.* V. torvelim de paixões e um remoinho.

Adv. 1. Torvelinho, com apócope. *S. m.* V. torvelim de paixões e um remoinho.

Adv. 1. Torvelinho, com apócope. *S. m.* V. torvelim de paixões e um remoinho.

Adv. 1. Torvelinho, com apócope. *S. m.* V. torvelim de paixões e um remoinho.

carneiro tosa o capim; "As duas éguas tosavam a boa erva pintalgada de papoulas e botões-de-ouro." (Eça de Queirós, *Contos*, p. 132). 6. Comer ou roer o capim, a relva de: *O boi tosa o prado*. [Pres. ind.: toso, tosas, tosa, etc. Cf. toso (ô).]

tosar². [Do lat. **tunsare*, freqüentativo de *tundere*, 'bater repetidas vezes'.] *V. t. d.* Dar tosa² em. *V.* *surrar* (2). [Pres. ind.: toso, tosas, tosa, etc. Cf. toso (ô).]

toscanejamento. *S. m.* Ação de toscanejar.

toscanejar. [Do cruz. de *pestanejar* com *tosco*, 'informe, rude'.] *V. int.* Cabecear com sono, abrindo e fechando os olhos repetidamente; cochilar: "Dormitando [o papagaio] em sua placa, no umbral da porta, toscanejou" (João Guimarães Rosa, *Corpo de Baile*, I, p. 171.) [Conjug.: v. *pelejar*. Var.: *tosquenejar*.]

toscana¹. [Do lat. *tuscanu*.] *Adj.* 1. Da, ou pertencente ou relativo à Toscana (Itália). — *V. ordem* — a. • *S. m.* 2. O natural ou habitante da Toscana. 3. O dialeto lá falado.

toscana². [De *tosco* + *-ano*.] *Adj.* *Bras.*, *S.* Que tem nariz grande; narigudo.

toscar. *V. t. d.* *Lus. Gír.* 1. Ver ao longe; avistar. 2. Entender, perceber, compreender. [Conjug.: v. *trancar*. Pres. ind.: toso, tosas, tosa, etc. Cf. *tosco* (ô) e flex. tosa (ô), tosas (ô).]

tosco (ô). [Possivelmente do lat. vulg. *tuscu*, 'dissoluto, vil', por alusão à gente que vivia no bairro etrusco de Roma, *Vicus Tuscus*.] *Adj.* 1. Tal como veio da natureza. 2. Não lapidado nem polido. 3. Bronco, grosseiro, rude. 4. Malfeito; informe. 5. Inculto (3). [Flex.: tosa (ô), toso (ô), tosas (ô). Cf. *tosco*, *toscas*, *tosca*, *tosca*, *tosca*.]

tosco (ô). [Dev. de *tosar*¹.] *S. m.* *Bras.*, *S.* Certa maneira de cortar a crina do equídeo. [Pl.: tosos (ô). Cf. toso, tosa, v. *tosar*.]

tosquenejar. *V. int.* Var. de *toscanejar*: "E tardando o esposo, começaram a tosquenejar todas; e assim vieram dormir." (Antônio Pereira de Figueiredo, trad. de *O Novo Testamento de Jesus Cristo*, p. 35.) [Conjug.: v. *pelejar*.]

tosquia. [Dev. de *tosquiar*.] *S. f.* 1. Ato ou efeito de tosquiar. [Sin. (bras., RS): *esquila*.] 2. Época própria para o corte do pêlo ou da lã dos animais. 3. *Fig.* Crítica muito severa.

tosquiadela. *S. f.* 1. Ato de tosquiar de cada vez. 2. Tosquia ligeira. 3. *Fig.* V. *repreensão* (1). 4. *Fig.* V. *surra* (1).

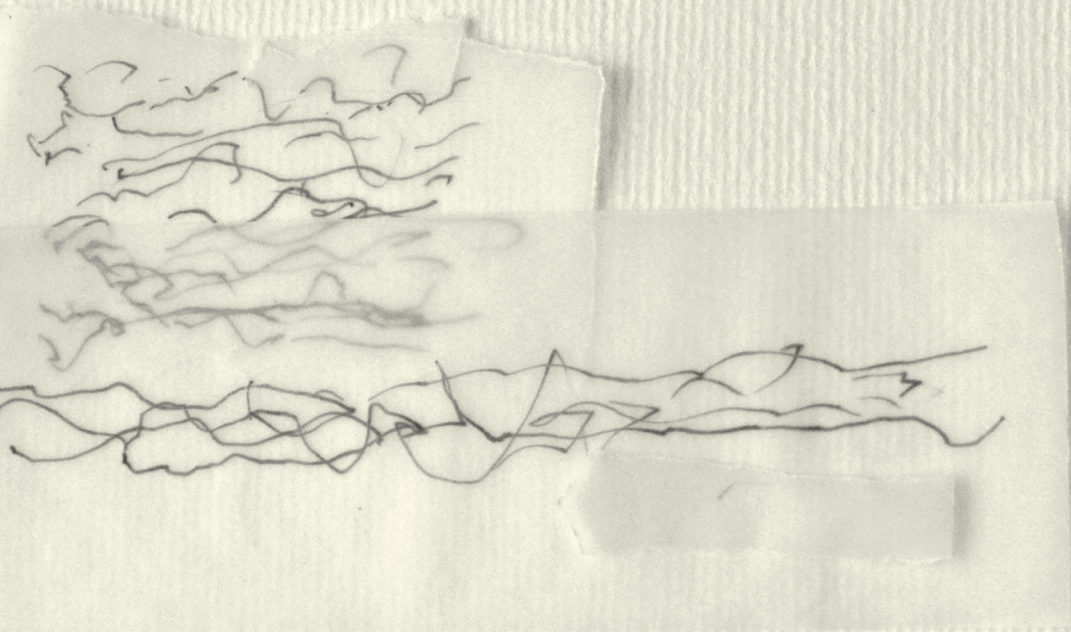
tosquiado. [Part. de *tosquiar*.] *Adj.* 1. Que tem o pêlo ou a lã cortada rente; tonsurado. 2. *Fam.* Cujo cabelo é cortado rente.

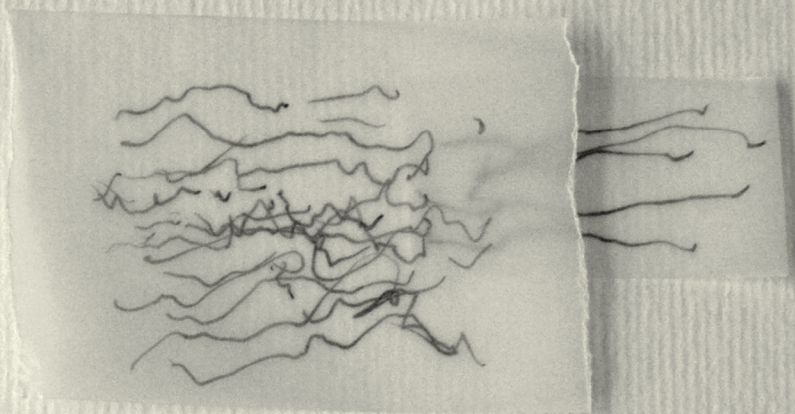
tosquiador (ô). *Adj.* e *s. m.* Que ou aquele que tosquia.

tosquiar. [Do esp. ant. *tosquiar*, hoje *trosquiar*.] *V. t. d.* 1. Cortar rente (pêlo, lã ou cabelo); tonsurar: *tosquiou o pêlo do carnívoro*. 2. Cortar rente o pêlo, lã



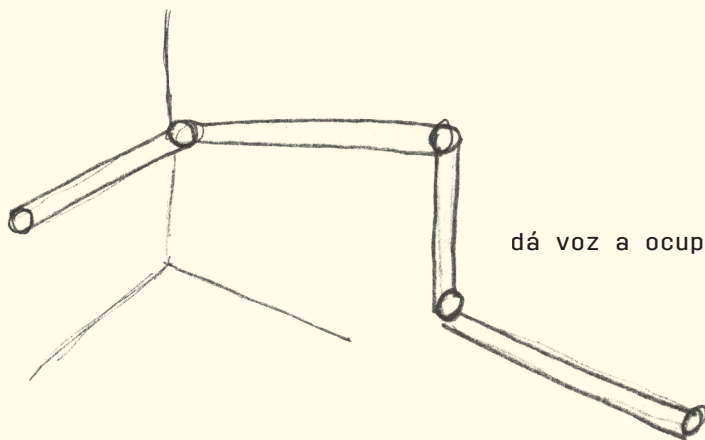






Um campo de força

Uma rede de comunicação



dá voz a ocupação

Uma rede de tramas sendo ateadada

Um campo de visão. Uma arma.

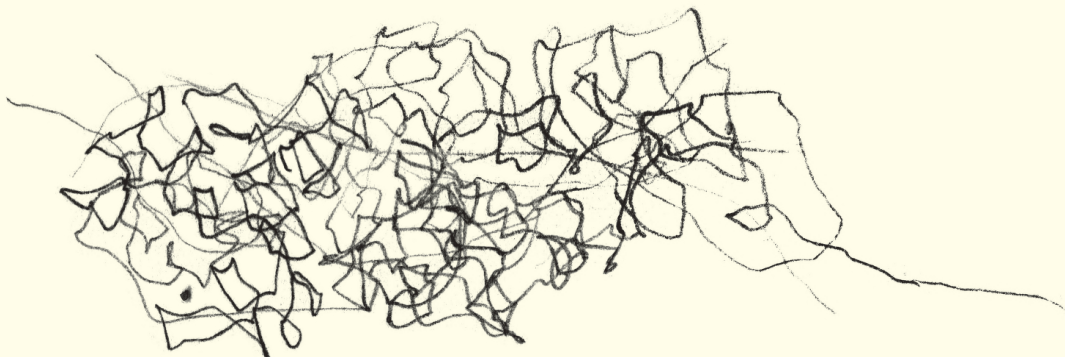
Um corpo, dois corpos, diversos...

O corpo sendo presente, político, funcional.

Um corpo, dois corpos, diversos...

Unidos por uma ligação:

Construir uma espacialidade comum, existencial.



Ache a ponta da linha

Aprenda ser

continue

a construir

enfrentar

SER

presente

brilhante

EXPERIÊNCIA

A ocupação é um símbolo.

ocupe

ocup

ocu

oc

o

cupe

Encontro

Hó vmuen gcea pleo pó ed imnéoir uqe aipar ebros a seuqmeátaic e
ptioercsa cnoeimao da reta ocla pxciaaab; ntcaa rapa mim hó smau
osd labamatasris, e sau xpãiao lape rtea, sue seedoj rop lae... odquna
caenrar o sodeje é repred a aursaegçan. E stameso me mptoos de ucaop
lboeaarãço ad repad, [e ssae veztal ajes a imaor]. Omco ntpoua oidlC,
smemo a vndaíec scovsãomio ueq mDuhcpa scacnearou on lobhrtaa
de raet já ifo missaidala: o mínidoo ad mão sosapu oa npeasenmote e
aniad chardfau lene omco speéiec de saatortean, rgief.

O ônibus segue por um descampado e se aproxima da cidade. Adiante de nós uma caminhonete Toyota campeia com a carroceria cheia de enxadas. Nas imediações desse logradouro o motorista estanca no mugido dos freios sob o sereno urbano e nosso olhar de incógnita perscruta o futuro cego. Somos o sumo promíscuo da civilização que o tempo come: a esteira dos esportistas na praia, a voz do rádio surdo à música, o CEO da cruzada multinacional, o jovem recém-formado em tecnologia da informação, a mulher do mercado financeiro. Nossa conversa segue em torno do apeio e o que nos será o mundo, somos profissionais desta geração: o cabelereiro Ramos, a professora de insuspeitas letras latinas chamada Joana, o advogado tributarista amigo de infância, o engenheiro caçula da turma formado ao mesmo tempo em mecânica, elétrica e civil. Todos nós vamos ao trabalho, e é trabalho de Sol a Sol. Esse Eclesiastes nos acerta o cenho da vaidade com a fúria do suor sobre incautos e prudentes, amoral e contorcido como o caminho pelo qual até aqui, juntos, sofremos os solavancos do terreno em que o ônibus, um Mercedes-Benz 1113 adaptado, nos deixou na memória. Meneamos a cabeça com palavras mudas, contemporâneas do escuro que acima de nós acende. Os protocolos das falas masculinas que geralmente são a avareza de palavras, ou num romance a lírica dificuldade com elas, nessa conversa mostram apenas o real e tem gestos tranquilos de quem aguarda o que virá com a certeza de que o dia lhe será de um coração caído.

Assim que descemos do ônibus estacionado, coisa de cinquenta metros de um imenso bairro ainda aceso (espécie levemente alvorada de Copacabana) nos vem o temível capitão do mato saído da caminhonete que nosso bóldo de lata seguira até ali. Ele nos encara e coça a barba por fazer, destranca a porta da carroceria, que cai para trás. Olha as enxadas amontoadas e resmunga para si o que não recorde. Em seguida, nos chama um a um pelas chagas com as quais seremos fustigados por sua voz: professor, engenheiro, médico, piloto de carros, arquiteto, fazendeiro... cada qual recebe sua enxada: publicitário, anestesista, cabeleireiro, advogado, psicólogo. Cada um empunha seu madeiro e recebe um Mapa. Da jornada de trabalho a seguir o capitão do mato nos diz:

Vocês devem pisar para dentro do sem eira no bairro em que ainda não apearam, e capinar esse dia. Só um, o ermo. Cada de vocês deve seguir-se, do mapa receba esse um até encontrar o terreno marcado nele. Dar-se-á a capina até o mais que puder, e apenas hoje. Cinco horas do poente a condução cá estará no ir-se e o dia foi esse.

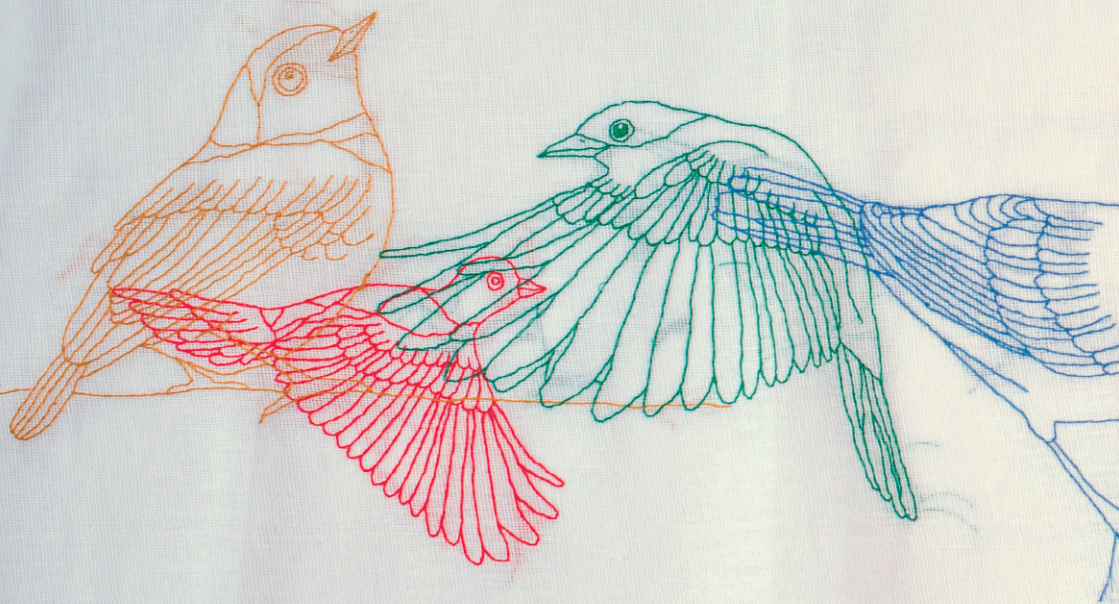
Meus ossos estalam em minha nuca, estou em frente ao homem que nos espalha cada um pelo campo, quando recebo dele minha enxada. Palavras & poemas vem à minha boca, mas o meu silêncio os mastiga na pausa obcecada pelo trabalho que o ódio não pode atrapalhar e essas palavras até aqui me secaram os lábios, tanto espasmo desse amor que lhe falo em sonho o avesso do ranger de dentes. Contraponho que não recebi meu Mapa, e como haverei de encontrar meu terreno para capinar o dia?, eu que sou um outro na voragem matinal do Sol.

Artista, foi como fui trazido, e de pronto ao escutar o meu chamado o aceitei pela Graça. Minha mão direita empunha a enxada. Em minha mão esquerda não existirá Mapa algum:

De pronto você veio, e o coice da hora valha tua fome. A partir, o enxadar é verbo. O que falas assim é teu passo sonoro assaz tua voz. Tanto para o teu caminho não há vulto de desenho. Apenas. Viverás o dia pela enxada:

Só e súbito acordo, também de pronto. Noto que minha mão direita empunha uma camiseta Hering preta, que arranquei do corpo durante a noite, como se fosse um acelerador dessas motos Honda década de setenta, aquelas com 4 carburadores, que meu pai teve, e não existem mais no trânsito de carros automáticos. Também autômato, olho o celular piscando mudo teu recado entre os livros sortidos na cabeceira de madeira e sento na cama sobre o sonho que se apagará: Antes disso perceberei que o real infústo de civilidade tem a nódoa do vocabulário no qual cravo meu trabalho e meu nome. Compreendo que o tempo de Sol a Sol é a vida de um dia e que esse dia no sonho é o todo de uma existência. As horas passarão enquanto meu trânsito por esse bairro não terá Mapa: orientação, curso, caminho determinado, formação definitiva: ser artista é ir ao trabalho, mas onde? Somente tu o poderei encontrar sem sobre de tal destinação que será meu campo, e lavrar nele o mais que puder haver-me comigo. Decepada a manhã mostra minha cabeça em sonho enquanto piso no asfalto e aprendo que o terreno para se capinar é a obra de uma vida, e tenho no tempo a vez exígua, o vento de vez fugidia para cumpri-lo.

Faço meu café forte, tenho o dia. E sei, a partir de cinco horas da tarde o poente se adensa e a beleza dele mistura o rosa e o azul encarnados no firmamento com tudo o que vivi. Sei que meu trabalho de arte se faz nessa duração que acontece de geração em geração, e é na esperança que te levo comigo. Esse trabalho que me escuta as palavras na procura de si mesmo, e no encontro com o outro.





1

**RAFAEL
PAGATINI**

Encontro Inicial

16 de março

2

**FRANZ
MANATA**

Notas sobre arte num
mercado globalizado

10—13 de maio

3

**FERNANDO
VELAZQUEZ
LUCAS
BAMBOZZI**

Mola: disparos criativos

18—20 de maio

> 13 de abril
Palestra: Montagem de
portfólios

> 18 de abril
Visita ao Arquivo
Público do Estado do
Espírito Santo
(Vitória, ES)

> 19 de abril
Visita ao Complexo
Penitenciário do Xuri
(Vila Velha, ES)

> 11 de maio
Palestra: O som como
dispositivo social

> 18 de maio
Performance de Fernando
Velázquez na UFES

> 15 de maio
Exercício de cartografia
de referências com os
participantes

> 16 de maio
Apresentação na
15ª Semana de Museus
(IBRAM), Fala de
Nicolas Soares

4 JULIANA GONTIJO

Dissidências-
resistências: espaços
independentes de arte
contemporânea

26—28 de maio

> 26 de maio
Palestra: Dissidência e
resistência nas artes
visuais latino-americanas

> 27 de maio
Visita à Galeria Corredor e
ao Espaço Raiz Forte
(Vitória, ES)

5 FERNANDA LOPES

Laboratório de
pesquisa e prática de
texto em arte

21—24 de junho

> 22 de junho
Palestra: Lugar, Espaço e
Dimensão do Experimental
na Arte Brasileira

6 DANIEL LIMA

Saída de emergência

29 de junho a 2 de julho

> 29 de junho
Exibição do filme
“Zumbi somos nós”
[Frente 3 de fevereiro]

> 30 de junho
Visita à Ocupação
Chico Prego (Vitória, ES)

> 02 de julho
Visita à Igreja de
Queimados (Serra, ES)

7 GRAZIELA KUNSCH

Arte, educação,
participação e
atuação dos públicos

5 a 8 de julho

> 5 de julho
Escuta-fala “A vontade de
compartilhar experiências
com quem tiver interesse
em me escutar será
igual à vontade de
ouvir o que as pessoas
quiserem me dizer”

FICHA TÉCNICA

Coordenação e produção executiva Clara Sampaio e Gabriel Menotti

Design gráfico e identidade visual Monomotor (Felipe Gomes)

Produção Mirella Schena

Catering Bia de Souza Lameira / aBanca Café

Apoio PMV, Museu Capixaba do Negro (MUCANE), Baile (UFES)

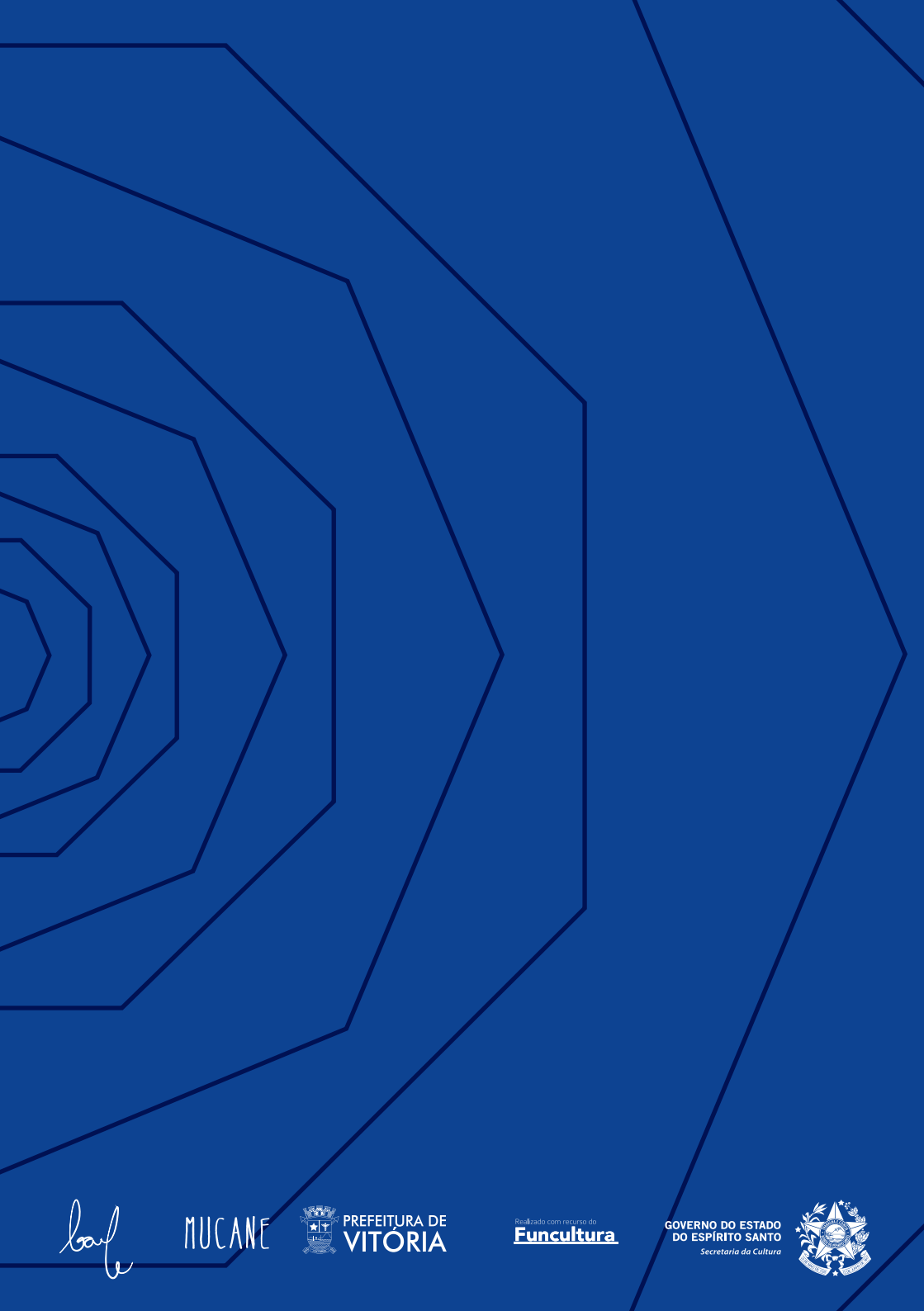
Participantes Alberto Greciano, Ana de Sena (p. 88-89), Camila Silva, Castiel Vitorino (p. 84-85), Charlene Bicalho, Cida Ramaldes (p.86-87), Deborah Moreira (p. 80-81), Diego Nunes, Elton Pinheiro (p. 94-95), Flávia Dalla, Fredone Fone (p. 76-77), Herbert Baioco, Joana Quiroga (p. 78-79), João Victor Coser (p. 92-93), Juan Gonçalves (p. 74-75), Kaique Cosme (p. 82-83), Kika Carvalho (p. 72-73), Ludmila Cayres, Marcelo Gandini, Mônica Leão, Rick Rodrigues (p. 96-97), Thayná Targa (p. 90-91).

AGRADECIMENTOS

SEMC/PMV, MUCANE, Patricia Bragatto, Thais Amorim, Rebeca Ribeiro, Júlia Rebouças, Orlando Manesch, Gisele Ribeiro, Arquivo Público do Espírito Santo, Tiago de Matos Alves, Michel Caldeira de Souza, Viviane Vieira Vasconcelos, Paulo Vargas e Centro de Artes/UFES, Complexo Penitenciário do Xuri, Regiane Kieper do Nascimento, Carlos Ely Elton Silva, Dioclécio dos Reis, Thays Amanda Andrade Silva, Marcus Neves e GEXS/UFES, Kamilla Albani e Galeria Corredor, Espaço Raiz Forte, Ocupação Chico Pregro/Brigadas Populares/Movimento Nacional de Luta pela Moradia, Tiago Almeida e Mileide.

Aos convidados e participantes dos módulos fixos da Cápsula e das demais atividades ao longo do projeto - valeu! :)

Realizado com recursos do Funcultura - Secult ES.



MUCANE



PREFEITURA DE
VITÓRIA

Realizado com recurso do
Funcultura

GOVERNO DO ESTADO
DO ESPÍRITO SANTO
Secretaria da Cultura



